

MULHERES E PRODUÇÕES DE SABERES NOS QUINTAIS PRODUTIVOS DO QUILOMBO DONA JUSCELINA (MURICILÂNDIA - TO)

EDUCATION AND PRODUCTION OF KNOWLEDGE: WOMEN AND PRODUCTIVE BACKYARDS IN THE QUILOMBO DONA JUSCELINA (MURICILÂNDIA - TO)

Rejane Cleide Medeiros de ALMEIDA

rejmedeiros@uft.edu.br

Doutora em Sociologia

Universidade Federal de Goiás (UFG) Goiânia, Goiás, Brasil

Profa da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Tocantins, Brasil

Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT)

<http://lattes.cnpq.br/6357708608591766>

Jannete da Silva MILHOMEM

janetemilhOMEM@outlook.com

Profa. Educação Básica

Mestranda em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT)

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Tocantins, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/6418173138773386>

RESUMO

As experiências ancestrais de mulheres quilombolas na produção de ervas medicinais, hortas, criação de pequenos animais nos seus quintais produtivos, apontam para alternativas na produção de alimentos e remédios, sobretudo a partir da perspectiva do bem comum, contribuindo para as resistências em defesa dos seus territórios. Este artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre as práticas de produção de saberes no quintal produtivo do Quilombo Dona Juscelina, localizado no município de Muricilândia (TO). Como metodologia utilizou-se a história oral e como técnica a história de vida. A pesquisa apontou que há uma diversidade de produções existentes nos quintais das mulheres do quilombo dona Juscelina, no qual podemos atribuir como saberes intergeracionais. Dessa forma a cultura e identidade das/os moradoras/es da comunidade é realizada de forma oral.

PALAVRAS-CHAVE: Territorialização. Saberes. Quintais produtivos

ABSTRACT

The ancestral experiences of quilombola women in the production of medicinal herbs, vegetable gardens, and the raising of small animals in their productive backyards, point to alternatives in the production of food and medicine, especially from the perspective of the common good. They contribute to the resistance in defense of their territories. This article aims to present reflections on the practices of knowledge production in the productive backyard of the Dona Juscelina Quilombo, located in the municipality of Muricilândia (TO). Oral history was used as methodology and life history as technique. The research showed that there is a diversity of production in the backyards of the women from the Dona Juscelina quilombo, which we can attribute as intergenerational knowledge. In this way, the culture and identity of the community's inhabitants is carried out in an oral way.

KEY WORDS: Territorialization. Knowledge. Productive Backyards.

INTRODUÇÃO

As mulheres do Quilombo dona Juscelina salvaguardam os saberes por meio das gerações. Uma das formas dessa demonstração, entre tantas outras, são suas produções nos quintais produtivos, como queremos tratar, nestas reflexões. Como saberes Carlos Rodrigues Brandão (2007) em seu livro “O que é educação”, destaca que não há uma só forma e modelo de educação e que variados grupos sociais tem suas experiências enquanto modos de vida. Assim, o autor apresenta um fragmento da carta de um indígena que representa a sua argumentação: “Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa” (BRANDÃO, 2007, p. 8). Com esse trecho podemos analisar que a educação que ocorre em diferentes espaços com práticas das mais variadas, tem dimensões que elaboram um conjunto de significados e sentidos com marcadores culturais identitários.

Este artigo tem por objetivo possibilitar reflexões sobre as práticas de produções de saberes das mulheres nos quintais produtivos do Quilombo Dona Juscelina localizado no município de Muricilândia (TO). A relevância do estudo justifica-se pela possibilidade de analisar os sentidos das práticas de produções dos quintais produtivos realizados pelas mulheres quilombolas. Entendemos que as mulheres produzem saberes ao desenvolverem técnicas de produções tradicionais que geram alimentos e potencializam a segurança alimentar das suas famílias. Interessa-nos observar se essas práticas também estão atreladas à produção de um processo de saberes. Desta forma acreditamos que este trabalho contribui para valorização da mulher quilombola como também da própria comunidade como intelectual com saberes e produção de conhecimentos.

As fontes utilizadas neste trabalho são produzidas com metodologia de história oral. Sendo as fontes orais “[...] instrumento útil na investigação da complexidade e da dinâmica social, por sua natureza peculiar, marcada por um processo de diálogo entre duas pessoas, por meio do qual se produzem versões únicas da realidade social [...]” (KHOURY, 2001, p. 81).

O tratamento das fontes foram a partir de uma análise qualitativa no intuito de compreendermos quais são as percepções da interlocutora, sobre as práticas de quintais produtivos como construção de saberes baseados na oralidade.

A oralidade é uma cultura milenar, embora, por muito tempo, a sociedade europeia tenha valorizado a história escrita. No mundo contemporâneo, Vansina (2010) chama atenção de que:

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diário, mas também como um meio de preservação de saberes ancestrais, venerada no que poderíamos chamar de elocuições chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração a outra. (VANSINA, 2010, p. 157).

Neste sentido buscamos acessar a memória coletiva desta comunidade através de uma metodologia que condiz com as práticas culturais, que é a oralidade. Para Thompson, E. (1998, p. 337), “A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhe dar um passado, ajuda também a caminhar para o futuro construído por elas mesmas”. Esta é uma forma de possibilitar que grupos sociais produzam sua própria história, relatando suas práticas culturais, lutas e tradições, além de refletir os caminhos da diáspora.

Zélia Amador de Deus (2020) define a diáspora africana no continente americano como sendo algo que:

[...] decorre do processo do colonialismo europeu, do tráfico transatlântico e do sistema de escravidão. As principais características que distinguem essa diáspora, como uma formação global, de outros grupos socialmente diferenciados são as seguintes experiências históricas: migração e deslocamento geossocial - a circulação da população -, opressão social — relações de dominação e subordinação -, resistência, luta e ação política e cultural. É provável que, no processo da diáspora forçada vivido pelos africanos, a memória coletiva dos diversos grupos tenha sido posta em jogo na luta das forças sociais pelo poder. (DEUS, 2020, p. 52).

A partir da diáspora, a autora nos apresenta o processo de opressão sofrido pelos africanos, marcadamente violenta, com um tráfico negreiro que sustentava um sistema de escravidão imposto a esse povo. Porém, mais do que isso, o espaço da diáspora também foi preenchido por movimentos de resistências, que aparece na fala de narradora dona Cícera Vieira, da comunidade Dona Juscelina, quando nos conta sobre o que é uma griô.

Ser um Griô, eu acho muito importante, porque para o conselho de Griô, são escolhido as pessoas idosas, porque estas pessoas já tem experiência de muitas coisas. [...]. Eu mexia com ervas, eu fazia parto, trabalhei na farmácia, trabalhei na saúde. Mexi com creche, com asilo, porque nas irmãs a gente aprende tudo, então isso tudo é uma aprendizagem. Para ser uma Griô, tem que ter experiência conhecimento para si, para seus filhos e para os jovens (informação verbal)¹.

No Quilombo Dona Jucelina, esta tradição ganhou força com a formação do conselho de Griôs². Atualmente este é composto por sete integrantes entre homens e mulheres, que tem por objetivo transmitir para as novas gerações, as práticas culturais de seus ancestrais e a história da comunidade. A finalidade é que não se perca os laços culturais da comunidade e que se mantenham suas tradições.

O artigo se estrutura em duas sessões. Sendo a primeira sobre a territorialização do Quilombo Dona Jucelina que tem por objetivo analisar como se constituiu esse processo, neste caso, por meio dos saberes dos que ocuparam desde o início o território. São mulheres e homens do conselho de griôs, que comportam os conhecimentos ancestrais. E a segunda seção é ponto central das reflexões, na qual analisaremos a produção de saberes intergeracionais por meio da cultura de produção de ervas medicinais nos quintais produtivos do Quilombo. Nas considerações finais apontamos que o conselho dos griôs criados na comunidade, organiza territorializadas. No caso dos quintais produtivos as mulheres são as mantenedoras dessa reprodução de saberes que cura com suas ervas medicinais.

A TERRITORIALIZAÇÃO DO QUILOMBO PELO SABERES DO CONSELHO DE GRIÔ

Para compreender a complexidade que existe no relacionamento entre os sujeitos e o seu território, refletimos na perspectiva de Haesbaert (2008) no qual define que nos territórios

1 Dona Cícera Vieira, quilombola, membra do conselho de griôs, em entrevista aos autores em 2020.

2 O conceito de Griôs é originário da África do Sul, sobretudo da região de Mali, a partir do século XIV e XV. Neste período enquanto os navios europeus carregados com pessoas negras para vender como escravos em suas colônias, alguns indivíduos andavam pela praia gritando sua história e a do seu povo. Esta figura era chamada pelos europeus de gritador, era considerado pelos portugueses como feiticeiros. Na realidade, os gritos do gritador eram para que seus contemporâneos que sofriam a diáspora não esquecessem as suas raízes. Alguns povos africanos acreditavam que a tradição da palavra é uma entidade viva. Em francês, gritador se transformou em Griot, e chegando no Brasil virou Griô. Uma tradição de contar a história dos antepassados para que os mais novos conheçam as suas raízes. Na Bahia em 1999, o Griot virou Griô, e a palavra ganhou força e espalhou pelo país a fora (Informação oral, Manoel Filho Borges, 2020).

surgem relações de poder, demandas sociais, conflitos e enfrentamentos relativos às situações de violação dos direitos humanos, utilizando de seus recursos, experiências e de seus objetivos para construir o território que é marcado pelas relações estabelecidas a partir de suas vivências. Essas marcas permanecem no território, mesmo após as diversas transformações. Nesse caso, os atores se vão, mas o território fica entranhado nas histórias dos/as pioneiros/as, aqueles/as que os ocuparam e os transformaram em territórios. Neste sentido, entendemos que é necessário analisar o território em sua multiplicidade, distinguindo-o em relação aos sujeitos que os constroem, sejam indivíduos, grupos sociais, empresas, instituições como igrejas, sindicatos, associações e também o Estado (HAESBAERT, 2008).

Em relação ao significado de povos e comunidades tradicionais, recorreremos aos estudos de Pierre Clastre (1979) no qual define que, o que diferencia os povos tradicionais da sociedade convencional contemporânea, é a forma de manejar a terra tendo em vista que, mesmo aqueles que vivem da agricultura familiar, até hoje utilizam técnicas agrícolas tradicionais como forma de resistência contra as evoluções das novas tecnologias de produção para o mercado. Para o autor, os povos tradicionais têm a preocupação de produzir o suficiente para repor as suas energias e não estão alienados pelo trabalho. A partir dessa dimensão entendemos que os quintais produtivos do Quilombo, utilizam técnicas tradicionais que protegem o meio ambiente, produzindo o suficiente para garantir a segurança alimentar das famílias.

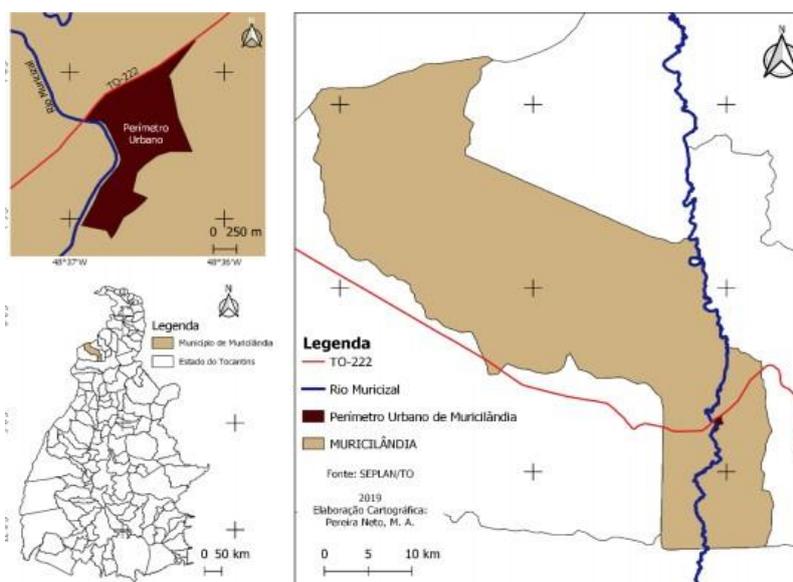
Para localizarmos o território do quilombo Dona Juscelina destacamos que localiza-se no município de Muricilândia, a aproximadamente 449 km da cidade de Palmas (capital do Estado do Tocantins), com acesso pela rodovia estadual TO-222, que cruza todo o estado e a BR-153.

A formação do povoado de Muricilândia se inicia com a chegada de homens e mulheres (romeiros/as) que seguiam a beata Antônia Barros de Sousa, devota de padre Cícero.. O primeiro grupo, liderado pela dona Antônia Barros de Sousa, chega em 27 de julho de 1952 ao pé do Morro, que hoje é Aragominas. Logo depois, um pequeno grupo de oito homens se separam dos demais romeiros que acompanhavam dona Antônia, se dirigem à Muricilândia no dia 20 de agosto de 1952. Fixando-se na beira do rio, encontram uma grande árvore, com muitos muricis, o que vai determinar o nome do lugar de Muricilândia, Depois de feito roças no local, os homens

foram buscar suas famílias que estavam aguardando para seguir viagem com destino ao novo lugar onde organizariam suas casas, plantações e criariam seus filhos/as.

Para uma melhor localização e caracterização do território da comunidade Quilombo Dona Jucelina, abaixo apresentamos o “Mapa 1” da localização geográfica do local.

Mapa 1 – Localização do município e do Quilombo Dona Jucelina



Fonte: Oliveira (2018).

Oliveira (2018) em sua pesquisa destaca que a família da matriarca que deu origem ao Quilombo Dona Jucelina, chegou à região de Muricilândia no início da década de 1960, acompanhada dos pais e irmãos. Assim, percebemos que o embrião desta comunidade esteve presente no território desde o início do processo de separação do estado de Goiás para formar o estado do Tocantins. Eles vieram para estas paragens, interessados em conhecer o estado do Goiás, realizaram uma trajetória muito difícil, residiram um tempo em Cristalândia-TO, e depois chegaram nestas terras, que tinha o nome de Murici das Velhas. Segundo Oliveira (2018), o primeiro grupo a chegar nesta região saiu do Nordeste, acompanhando Antônia Barros de Souza, com finalidades religiosas a serem realizadas na cidade do Pé do Morro, e assim chegaram até o território em que foi criado Muricilândia:

A matriarca Dona Juscelina, mulher negra remanescente quilombola, veio do estado do Maranhão, acompanhando seus pais até a cidade de Cristalândia, no antigo Norte Goiano, como podemos observar na narrativa de Dona Juscelina, que Oliveira (2018), nos apresenta:

[...] Eu vim por interesse de meu pai, que veio vê o Goiás [...] Saímos dia 01 de julho de 56. Aí fizemos essa viagem e fumo chegar no dia 07 de setembro em Cristalândia [...] 6 horas da tarde. Apesar que nós era de a pé tudim, e viajamos dois mês e sete dia. Mas pra mim foi uma beleza, quando nós chegamos em Cristalândia. Eu: pai já está passando de hora de ir buscar os animais! Minha fia, já chegamos! Nós vinha por dentro pela linha do fio, aqui e acolá nós saía da linha. Toda vida de a pé! Só quem vinha muntado era a mamãe, era doente de uma perna e os menino de três anos pra baixo. Tudo era correndo, os de cinco ano nós botava no meio da carga. Mas as carga era tudo cheia, de tanta verdura que a gente passou no sítio. Nós nunca sintimo a viagem! (exalta a voz) Nós nunca tinha feito uma viagem, mas nós num sintimo. Porque intestia só nas frutas. Papai só parava no dia que ia comprar a matula! Uma vaca. Aí passava esses dois dias pra carne muchar. O certo que cheguei praqui, cheguei em Cristalândia, eu nunca pratiquei o meu trabalho! Cidade de garimpo, muita morte! Aí minha irmã morava aqui, ela me deu notícia ainda lá em Cristalândia. E eu vim. Pedir a confissão para o Frei na Catedral: pois amanhã vou viajar lá pras matas, lá é o Murici da Velha! Aqui não era Muricilândia, era Murici da Velha! Eu passei praqui, eu entrei e fazia minha festinha do 13 de maio! As vez com cem pessoas. Em 68 eu fiz a primeira festa! Preparei a princesa Izabel, foi no andor! (exalta a voz) Aí já deu trezentas pessoas, o que me deu muita força! (OLIVEIRA, 2018, p. 37).

Dona Juscelina teve um importante papel na construção do quilombo, que leva o seu nome, através da sua liderança e suas práticas culturais, como o festejo de 13 de maio organizado por ela, deu uma maior visibilidade para a comunidade, levando a formação do quilombo.

Dona Cícera nos conta sobre a história do território, destacando que, antigamente, os primeiros moradores foram oito pessoas que chegaram e se arrancharam na beira do rio. Construíram suas casas de adobe, com as portas viradas para o rio. Plantaram arroz, feijão, abóbora isso para manter a terra limpa e evitar as onças chegarem perto de suas casas. Além disso, produziam alimentos para sobreviver (Entrevista dona Cícera, 2018). Sobre sua história de vida, conta que nasceu em Guadalupe, Piauí. Sua família chegou em 1952 em Muricilândia, mas já havia moradores que chegaram em 1960, como é o caso de Dona Juscelina.

Os primeiros moradores vieram de uma região do estado do Maranhão, do entorno da cidade de Nova Iorque, em busca de um território que pudesse produzir. As terras eram comuns, todos podiam chegar e plantar. Aqui chegando, foram se territorializando, como forma de

resistências, enfrentaram fazendeiros que surgiram portando documentos, reivindicando o direito sobre o território.

Embora esta comunidade ainda esteja em processo de identificação, delimitação e demarcação, para ter o seu território certificado, o tempo considerável de permanência nestas terras lhes garante um direito territorial como consta no art. 68 das Disposições Constitucionais Transitórias, no qual destaca: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988).

Em relação ao decreto n. 6.040 de 7 de fevereiro de 2007, inciso 1, do art. 3º que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, chama atenção para o fato de que não define a priori quem são esses povos e comunidades tradicionais no Brasil, isso corrobora para uma maior inclusão de grupos sociais. Apresentamos como destaque o trecho do decreto:

Povos e comunidades tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição. (BRASIL, 2007a).

Para esse entendimento Shiraishi Neto (2007, p. 202), ressalta que no art. 3º compreende-se por Territórios Tradicionais “os espaços necessários as comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observando, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas [...]”.

O destaque sobre a legislação é devido a luta pela demarcação do território do Quilombo Dona Juscelina. Que já foi certificada pela Fundação Palmares de acordo com os critérios especificados na Portaria FCP nº 98, de 26 de Novembro de 2007. Esta portaria Institui o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades dos Quilombos da Fundação Cultural Palmares, também autodenominadas, Terras de Preto, Comunidades Negras, Mocambos, Quilombos, dentre outras denominações congêneres. A portaria criou 16 comunidades quilombolas localizadas na região central e sul do Estado do Tocantins. Entretanto, segue indefinido o processo de demarcação (BRASIL, 2007b).

Podemos dizer que o território está longe de indicar apenas o sentido físico e geográfico na perspectiva de Raffestin (1993), pois, a geografia no passado, limitava o conceito de território a uma dimensão estatal. No entanto, no pensamento moderno, é necessário levar em consideração os conflitos gerados dentro dos territórios em que envolvem vários atores sociais, uma relação de poder entre Estado e sociedade.

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 50).

As produções das territorialidades desenvolvidas nos processos de territorialização, implicam em construções de práticas culturais, como é o caso do festejo e da religiosidade conduzida por Dona Juscelina. Essas produções de saberes são passadas para as novas gerações de forma oral, pelo conselho de Griôs. As mulheres mais velhas, denominadas Griôs, guardam a memória da comunidade e passam para os jovens, produzindo territorialidades de uma cultura que é transmitida de geração em geração.

Para pesquisar memória histórica, é fundamental dar uma atenção especial à discrepância entre a sociedade de memórias passadas através da oralidade, e sociedade de memórias preservadas através da escrita, como também as formas de transição da oralidade à escrita, na perspectiva de Le Goff (2013). Durante muito tempo, a história da comunidade Quilombola Dona Juscelina transmite sua memória de forma oral. No entanto, vários estudiosos transcrevem essas narrativas orais transformando em história escrita.

Desde o século XX, o conceito de memória para as Ciências Humanas, passou a ser definido como um fenômeno social, mantida pelas relações sociais com a interação dos indivíduos e o compartilhamento da memória, seja da forma subjetiva de cada comunidade, de forma oral ou escrita. Estas memórias são construídas através dos aspectos socioculturais, seja entre a família, na política, no trabalho ou na religião, dentre outros elementos fundamentais na construção da história destes indivíduos. Jacques Le Goff (2013, p. 51) mostra a relevância da relação entre memória e história em suas narrativas: "Tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e, simultaneamente, um nível

elementar de elaboração histórica”.

Traremos na seção a seguir as práticas realizadas nos quintais das casas das mulheres do Quilombo e para responder a nossa questão, de que forma essas práticas geram saberes? Compreendemos que as práticas culturais possibilitam construção de saberes, neste caso além destas práticas cotidianas, a comunidade tem o cuidado e a preocupação que as novas gerações possam preservar os saberes culturais que são ensinados pelos seus ancestrais, e possibilita esta relação intergeracional, através dos encontros de gerações no conselho de griôs.

QUINTAIS PRODUTIVOS NO QUILOMBO DONA JUSCELINA

Os quintais produtivos são espaços de diversidades de produção de espécies organizados pelas famílias. Estes lugares estão localizados próximos às residências ou no fundo das suas casas, se apresentam com combinações de árvores, hortaliças, plantas medicinais, frutíferas, herbáceas, trepadeiras, muitas vezes em associação com a criação de animais domésticos de pequeno porte como galinhas, porcos e plantas medicinais. Nesse sentido,

[...] os quintais produtivos oportunizam a diversidade alimentar, assim como a preservação da cultura alimentar e dos recursos naturais, por suprirem e suplementarem, mesmo que em parte, as necessidades de subsistência diárias, na maioria dos domicílios, colaborando para melhoria da qualidade alimentar das famílias. As pequenas produções vegetais desenvolvidas nos quintais domésticos permitem às famílias, além de uma melhor alimentação, acesso a frutas, hortaliças, especiarias e plantas medicinais (SILVA; ANJOS, M.; ANJOS, A., 2016 p.79, apud AMOROZZO, 2002).

Os autores nos apresentam a importância da produção nos quintais domésticos, como significativa contribuição na segurança alimentar das famílias, que desenvolvem suas práticas e saberes por meio do conhecimento popular. O desenvolvimento local está baseado na diversidade de produtos, levando em consideração a tradição milenar de cultivo da terra.

Podemos perceber que estes saberes milenares, que acompanham os povos quilombolas, constituem-se em saberes, mesmo quando não seja realizado de forma intencional, mas as técnicas sustentáveis de cultivos são transmitidas para a geração mais jovem como forma de resistência através do conselho de griôs.

Brandão (1985, p. 47) corrobora com nossas reflexões sobre diversas formas de

educação ao definir que “[...] a educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre seus participantes”. Partindo deste pressuposto, entendemos que as práticas dos quintais produtivos do Quilombo Dona Juscelina, podem ser consideradas como saberes e conhecimentos, tendo em vista, que envolvem desde os de maior idade aos mais jovens, e de forma oral vão sendo transmitidos para as gerações que virão.

As práticas desenvolvidas pelas mulheres do Quilombo Dona Juscelina apresentam elementos com dimensões marcadamente culturais, como define Brandão (1985):

[A] Natureza transformada e significada pelo homem, sendo que a posição de homem no mundo não é de inserção ou de imersão, mas de oposição criadora; o resultado material e/ou espiritual das relações existentes entre os seres humanos; possibilidade de unificação entre a ação e a representação. A cultura constitui, então, um processo através do qual os homens orientam suas ações e dão significado a elas. Dentro desse processo há um saber vivo e continuamente transmitido entre pessoas e grupos. Há, portanto uma educação que aí acontece. (BRANDÃO, 1985, p. 16).

O autor afirma que as práticas desenvolvidas nos grupos sociais, com identidades definidas, por meio dos saberes no cotidiano, são códigos e significados de relações de experiências. Estes saberes se constituem em territorialidades.

Sobre territorialidades Almeida e Dourado (2013), afirmam ser:

Às identidades peculiares (seringueiros, quebradeiras de coco babaçu, ribeirinhos, quilombolas) correspondem territorialidades específicas. Tais territorialidades, [...], não equivalem exatamente às manchas de incidências de espécies cartografadas no zoneamento ecológico-econômico. [...] Os grupos que se objetivam em movimentos sociais se estruturam também para além de categorias censitárias oficiais. [...] pensar a partir de um processo de territorialização, pois esta categoria envolve o sujeito da ação, implicando numa construção social. Bandeiras de lutas de preservação ambiental, mobilizações que se contrapõem aos desmatamentos e instrumentos legais no plano municipal para garantir áreas reservadas constituem alguns dos elementos deste processo de territorialização. (ALMEIDA; DOURADO, 2013, p. 31-33).

Compreendemos que, por meio das práticas de produções de alimentos e ervas medicinais, nos quintais produtivos das mulheres do Quilombo Dona Juscelina, ocorrem produção de saberes, passados para gerações e socializadas dentro da comunidade, uma representação da cultura local, da identidade quilombola, e um conhecimento transformador, que forma valores

morais, ensina ética. São práticas de saberes ancestrais realizadas por meio de experiências, no qual o “passado orienta o presente”, atuando com sentidos e significados de forma permanente. As relações dos saberes produzidos nos conhecimentos do cultivo da terra, dos cuidados com a biodiversidade, apontam para práticas de experiências que Thompson, E. (2009) destaca como:

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e cultura das mais complexas maneiras e em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (THOMPSON, E., 2009, p. 226).

Os resultados esperados nessas práticas ocorrem por meio do desenvolvimento dos saberes de indivíduos e grupo sociais, orientando a maneira de pensar e agir de que são compartilhados com cada membro da comunidade. Em entrevista realizada com dona Cícera Vieira (2020), quilombola, membra do conselho de griôs, na qual relata sobre seus saberes em relação a uma bebida³ produzida com plantas considerada por ela como medicinal. O que chama atenção é o conhecimento empírico que a narradora trata sobre os males causados pela covid 19, indicando o medicamento para proteger estes órgãos.

Garrafada, nela contém folha santa, tem a babosa, tem vários tipos de plantas aí. Eu bebo duas vezes, por dia, de manhã e à noite. Serve para evitar, aquela doença que está nos atingindo, que nos atrapalha de abraçar, quando ela vem, ela ataca os rins, ela ataca o fígado, ela ataca tudo, então você tem que fazer uma garrafada igual a esta, para rebater [...] minha filha apresentou e não foi forte não, ela é nova, pratica esporte, ela foi no posto de saúde, aí eu falei, ela ainda não está normal, eu disse minha filha come, não mãe não estou com vontade de comer, aí eu peguei fui no meu quintal, nas ervas, o que deu para mim pegar, assim tudo, eu lavei, eu preparei bem, coloquei na panela de pressão para não sair o ar com aquele cheiro todo, eu preparo em uma bacia, eu lavo, despejo, espero esfriar, eu higienizo as mãos, quando você preparar, tem que colocar uma pitadinha de sal, um remédio desse dura de dois a três meses. (informação verbal)⁴.

Segundo dona Cícera Vieira, o conhecimento sobre o tratamento das enfermidades, bem como, o cultivo destas plantas medicinais, foi lhes passado pelos mais velhos através dos

3 Preparação de remédios com ervas medicinais.

4 Dona Cícera Vieira, quilombola, membra do conselho de griôs, em entrevista aos autores em 2020.

saberes da sua avó e mãe, e hoje são passadas para novas gerações.

A partir do que dona Cícera nos narrou estabelecemos um diálogo com Brandão (2007), que pensa a educação em diversos espaços formativos, entre eles os modos de vida dos grupos sociais:

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo [quilombo], os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social [...]. (BRANDÃO, 2007, p. 10-11).

O que o autor se refere sobre variados tipos de educação, podemos comparar com os saberes construídos na comunidade por mulheres e suas produções em quintais domésticos. Nesse caso há a socialização das práticas culturais, quando uma senhora com mais experiência retira da horta uma planta medicinal, e passa para uma mãe que inicia suas experiências com crianças doentes, quando se faz uso dos benefícios da hortelã no cuidado da criança, do mel de abelha como medicamento para ajudar a curar um resfriado. Esses são saberes passados para gerações mais novas, como foi narrado na entrevista da dona Cícera, a seguir.

Então aqui nós vivemos da agricultura, plantio de arroz, feijão, plantas frutíferas e também plantas que usamos para fazer remédios. Mas quando chegamos aqui não era assim, não tínhamos o que comer aí o pessoal que arrumava um pouquinho de arroz aí meu pai guardou umas semente para plantar, tinha o peixe, tinha a caça essas coisas, era mandioca as coisas, nós só não tínhamos roupas (informação verbal).

Outra experiência narrada por Dona Cícera ocorreu em uma oficina que ministrou para os jovens da comunidade sobre o uso de ervas medicinais ocorrida no Quilombo Dona Juscelina, na qual apresentou, entre tantas, ervas uma para curar problemas intestinais:

Isso aqui é uma planta, eu trouxe para mostrar para vocês conhecer e apreender, isso é para combater a cambria de sangue, e a planta, chama-se erva de sangue, uma dor que dá na barriga. Pega a planta machuquca, e coloca um litro de água morna

e quando esfriar bebe (informação verbal)⁵.

Estas são as questões concernentes aos dados observados na comunidade, conhecer e analisar as práticas e os saberes que as mulheres produzem em seus quintais. Nesse sentido podemos analisar a fala da nossa narradora na perspectiva do que Brandão (2007, p. 10) define ser educação: “A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida”.

Estas práticas tem reflexo na qualidade de vida dos indivíduos da comunidade. Não fazer uso de mecanismos de altas tecnologias, não utilizam o agrotóxico e suas experiências da produção de alimentos, nos quintais produtivos contribuem para o desenvolvimento da comunidade. Nesse aspecto é que Josso (2007), orienta sobre os lugares educativos e alerta para o sentido de que:

[...] sejam eles orientados para uma perspectiva de desenvolvimento pessoal, cultural, de desenvolvimento de competências sociais ou ainda para uma perspectiva de formação profissional, acolhem pessoas cujas expectativas e motivações a respeito da formação e dos diplomas referem-se, tanto as problemáticas de posicionamento na sua vida cotidiana e na sua ação em nossas sociedades em plena mutação, como às questões e problemáticas ligadas à compreensão da natureza dessas próprias mutações. (JOSSO, 2007, p. 414).

Sabemos que a principal atividade econômica do quilombo é a agricultura. Considerando que o território é delimitado e demarcado segundo a ocupação dos grupos, sua forma de uso e manejo dos recursos e pelas relações socioculturais que mantém com o ambiente, é um importante instrumento de análise e compreensão do modo de vida e da própria definição de comunidades remanescentes de quilombos (SANTOS; ANJOS, M.; ANJOS, A., 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões proporcionadas neste estudo, os resultados indicaram que o cultivo de plantas medicinais pelas mulheres do quilombo dona Juscelina, fazem parte da cultura local, uma vez que nas vivências há saberes que se desenvolvem e que são potencialidades como destaca

5 Dona Cícera Vieira, quilombola, membra do conselho de griôs, em entrevista as autoras em Dezembro de 2020.

Brandão (2007), para definir que temos uma diversidade de formas de saberes que se constituem enquanto educação. Concordamos com o autor, pois a partir das análises das entrevistas que realizamos com dona Cícera Vieira (2020), seus saberes foram adquiridos com sua mãe e avó e fazem parte das suas memórias. O que Gualberto, Ramos Júnior, Costa, (2020, p. 22) define como “[...] lembranças do passado são indicadas por meio de um pertencimento, afetividade e de identidade cultural”, no qual os autores destacam, ainda que, as histórias são formas de (auto) conhecimento.

As mulheres do conselho de griôs do Quilombo ensinam para as/os mais jovens da comunidade os conhecimentos sobre como as ervas medicinais são fontes de curas alternativas. O que nos chamou atenção na fala da nossa narradora foi que os momentos e situações de ensinar são prazerosos e, nesse caso observamos que a mesma se constitui em uma das guardiãs dos saberes da comunidade. “São também situações de aprendizagens aquelas em que as pessoas do grupo trocam bens materiais entre si ou trocam serviços e significados [...]” (BRANDÃO, 2007, p. 18). Isso aponta para a transmissão de cultura feita na prática para as novas gerações. Constitui-se em uma forma de saberes, por meio da socialização do conhecimento salvaguardado, tanto no cultivo das frutas, quanto nas práticas de uso das plantas medicinais para cura de enfermidades. São, mulheres com maiores experiências, transmitindo conhecimento para as novas gerações.

Deste modo, o território do quilombo é um lugar de resistências na maioria do tempo lideradas por mulheres fortes, que resultam no que é hoje a comunidade. As manifestações culturais promovidas pela ancestral do quilombo, dona Juscelina, que organiza a festa do dia 13 de maio, cuja celebração se constitui em uma cultura permeada de saberes e ritos religiosos o que Saquet (2007, p. 75) afirma ser o poder do elo que se faz no espaço, e que estão repletos de valores espirituais, simbólicos, afetivos, com sentimentos de pertencimentos, que se elaboram desde a representação física à representação intelectual, sendo o substrato onde se organiza a interação de grupos sociais. Com isto, o território cultural vem antes do território econômico e político, perfazendo um caminho que deixa rastros que não se podem apagar.

As reflexões sobre a temática em tela indicam como potência, para outros estudos, a perspectiva de análises sobre as raízes culturais dos grupos sociais que a partir de sistemas cognitivos próprios, desenham modos de vida baseados em sustentabilidade social, econômica e

ecológica em distintas experiências de povos e comunidades tradicionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; DOURADO, Sheila Borges. Amazônia: a dimensão política dos “conhecimentos tradicionais”. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (org.). *Conhecimento tradicional e biodiversidade: normas vigentes e propostas*. Manaus: UEA Edições; PPGSA/PPGGAS-UFAM, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui Política Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, DF, 08 out. 2007a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 10 out. 2020

BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. Portaria nº 98 de 26 de Novembro de 2007. Institui o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades dos Quilombos da Fundação Cultural Palmares, também autodenominadas Terras de Preto, Comunidades Negras, Mocambos, Quilombos, dentre outras denominações congêneres, para efeito do regulamento que dispõe o Decreto nº 4.887/03. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007b. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/legis21.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 05 out. 1988.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: investigações de antropologia política*. Porto, PT: Ed. Afrontamento, 1979.

DEUS, Zélia Amador de. *Caminhos trilhados na luta antirracista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2008.

GUALBERTO, Rosângela Domingos; RAMOS JÚNIOR, Darnival Venâncio; COSTA, Kênia Gonçalves. A história da chapada dos negros na narrativa dos moradores de Arraias-TO. *Revista Temporis[Ação]: periódico acadêmico de história, letras e educação da Universidade Estadual de Goiás. Cidade de Goiás; Anápolis, v. 20, n. 1, p. 01-23, jan./jun. 2020*. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/9090>>. Acesso em: 05 out. 2020.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, Porto Alegre, RS, v. 63 n. 3 , p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf>. Acesso em: 20 out. de 2020.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*, São Paulo: EDUC, n. 22, jun. 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10731> . Acesso em: 02 out. 2020.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

OLIVEIRA, Izarete Silva de. *Território e territorialidade nos limites do rural e urbano na Comunidade Quilombola Dona Jucelina em Muricilândia – TO*. Dissertação (Mestrado em Estudo de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaina- TO, 2018. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/1639> . Acesso em: 20 out. 2020.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993

SANTOS, Amaury da Silva dos; ANJOS, Mônica de Caldas Rosa dos; ANJOS, Adilson dos. Caracterização e desenvolvimento de quintais produtivos agroecológicos na comunidade Mem de Sá, Itaporanga d’Ajuda - Sergipe. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 8, n. 2, p. 100-111, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/12997> . Acesso em: 05 out. 2020.

SAQUET, Marcos Aurélio. As diferentes abordagens do território e apreensão do movimento e da (i)materialidade. *Geosul*, Florianópolis, v. 22, n. 43, p. 55-76, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12646> . Acesso em: 03 out. 2020.

SILVA, Adriella Camila G. Furtado da; ANJOS, Mônica de Caldas Rosa dos; ANJOS, Adilson dos. Quintais produtivos: para além do acesso à alimentação saudável, um espaço de resgate do ser. *Guaju*, Matinhos, v. 2, n. 1, p. 77-101, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/46738> Acesso em: 20 outubro de 2020.

SHIRAIISHI NETO, Joaquim (org.). *S. Direitos dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional*. Manaus: UEA, 2007.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1998.

THOMPSON, Eduard Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser* . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). *História geral da África: metodologia e pré-história da África*. Brasília: Unesco, 2010. p. 139-166. (Coleção História Geral da África da UNESCO; v. 1).



Submissão: 19 de outubro de 2020

Avaliações concluídas: 13 de dezembro de 2020

Aprovação: 23 de dezembro de 2020

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

ALMEIDA, Rejane Cleide Medeiros de; MILHOMEN, Janete Silva. Mulheres e produções de saberes nos quintais produtivos do quilombo dona Juscelina, Muricilândia - (TO). *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. v.20, n.2, p.1-18, e-200215, jul./dez., 2020. Disponível em: < <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive> >. Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >